

CORREIO SATURNINO

Roberto Saturnino Braga

Artigo nº 284/2013

ESQUERDA VOLVER NO CHILE

Chegou a vez do Chile dar a virada à esquerda que vem caracterizando a política do nosso continente sulamericano desde a entrada dos anos dois mil, com a eleição fortemente majoritária da Presidenta Michelle Bachelet.

Ela já tinha exercido o cargo anteriormente, numa situação, entretanto, que trazia ainda resquícios de uma longa e difícil transição de mais de dez anos, saída de uma ditadura extensa, férrea e cruel, com uma economia profundamente mergulhada no modelo neoliberal, situação esta que tolhia de certa forma a plena assunção de sua marca socialista.

Durante o último período, todavia, a sociedade chilena voltou a se manifestar com a liberdade que lhe tinha sido característica antes de Pinochet, e as ruas do país se encheram de protestos, com mais intensidade do que nos outros países vizinhos, com fortes reivindicações à esquerda, como educação superior gratuita, sistema público de saúde e previdência, demandas que já eram atendidas correntemente entre nós.

E o resultado político forçosamente tinha de aparecer: a eleição por larga margem de uma nova Bachelet, agora verdadeiramente socialista, prometendo reformas fundamentais, inclusive na Constituição, em atendimento àquelas reivindicações populares. “Um Chile para todos”, foi seu lema de campanha, lembrando a marca do Governo Lula.

Cabe ressaltar que o Chile é o país sulamericano de mais profunda tradição popular de cultura política, tendo sediado, como um dado histórico, a primeira experiência mundial de socialismo implantado pelo voto democrático. Uma experiência que coincidiu no tempo com o período mais agudo e radical da guerra fria e que foi tragicamente abortada pelo golpismo americano que varreu o Continente. Pouco antes tinha vivido a experiência reconhecidamente mais avançada de democracia cristã, no governo Eduardo Frei. Assim, não é sem fortes razões históricas que o Chile tenha sido escolhido para sediar a CEPAL (Comissão Econômica para a América Latina), que tenha dado duas das maiores lideranças de todo o movimento deflagrado por nesta comissão, Jorge Ahumada e Anibal Pinto; e, ainda, que tenha tido dois poetas laureados com o Prêmio Nobel de Literatura, Gabriela Mistral e Pablo Neruda.

A partir dos anos de ditadura, decididamente apoiada pelos Estados Unidos, o Chile desenvolveu laços econômicos muito fortes com a grande potência do Norte e hoje, em parceria com o México e a Colômbia, igualmente envolvidos, formam o bloco da Aliança do Pacífico, que tem nos capitais e no grande mercado norteamericano sua sustentação.

É inegável que esse bloco do Pacífico tem uma conotação de resposta, ou alternativa ao bloco do Mercosul, politicamente situado à esquerda; uma resposta construída pelos Estados Unidos após a rejeição do seu grande projeto da Alca. Como é inegável também que esse novo bloco cresce num momento em que o Mercosul enfrenta uma conjuntura difícil, decorrente, principalmente, dos problemas políticos e econômicos da Argentina, que é um parceiro de grande peso. A entrada da Venezuela como membro pleno, agora que houve a aprovação do Senado do Paraguai, certamente injetará um tônico poderoso na veia deste nosso bloco, tornando o Mercosul possuidor da maior reserva de energia do planeta. Entretanto, há que reconhecer que não será fácil ganhar a adesão dos países do Pacífico, ligados por interesses muito fortes à América do Norte.

Neste quadro que economicamente divide nosso continente, importa fortalecer a UNASUL que congrega politicamente todos: fortalecer desde logo pela integração física que ainda é muito fraca e que exige investimentos importantes em estradas e linhas de transmissão, demandando um mecanismo eficaz de financiamento. Fortalecer também pelo incremento decisivo do intercâmbio de estudantes entre todos os países; fortalecer pela integração cultural e política, através de um projeto de desenvolvimento do continente formulado pelos partidos que hoje estão no poder. Vale ressaltar que Chile e Peru, dois importantes países do Pacífico, têm agora governos politicamente mais afinados com os nossos do Mercosul.

É um sonho; mas a política e a vida humana necessitam de sonhos a realizar. E nada é mais próprio, oportuno e afetivo nesta semana do que desejar a todos os amigos belos sonhos para o dia de Natal e para todo o ano de 2014 que bate à nossa porta: que ele traga as energias indispensáveis a essas nossas realizações.

Roberto Saturnino Braga

Contatos: saturninobraga@saturninobraga.com.br
www.saturninobraga.com.br